

ESPAÇO

JORNALISTA MARTINS DE VASCONCELOS



Organização: Cláuder Arcanjo

clauderarcujo@gmail.com

O HUMORISTA
EÇA DE QUEIRÓS

VERA LÚCIA DE OLIVEIRA

Escritora, membro da Academia de Letras do Brasil. (Brasília-DF)
veraluciaoliveira@hotmail.com



Deveria haver um Prêmio Nobel do Riso. O ganhador seria disparadamente Eça de Queirós (1845-1900), pois de riso voltairiano e gargalhada rabelaisiana ele entendia. Não só entendia, como era mestre. Em toda a sua vasta obra, se o riso não está explícito, está nas entrelinhas.

Diferentemente do nosso Machado, que faz o leitor sorrir, mas não gargalhar, o escritor português tinha o dom da graça e do escaço. Se fôssemos selecionar algumas obras, ficaríamos com o romance *A Relíquia*, as novelas *Alves & Cia.* e *O mandarim* e o conto “Adão e Eva no Paraíso”. O riso de Eça é um meio para atingir um fim em que a esperança está presente. Há redenção e compaixão, o que não vemos na obra de Machado, em que predomina a crueldade e o ceticismo. Eça brinca para divertir o leitor e corrigir os costumes.

É do conto “Adão e Eva no Paraíso” (Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, *Obras Completas de Eça de Queirós*, vol. II, p. 1249) que iremos falar. Como não rir já na frase inicial “Adão, Pai dos Homens, foi criado no dia 28 de outubro, às duas horas da tarde...”? (p. 1249). Pois foi nesse dia, quando o Sol ainda girava sobre a Terra, um Sol, segundo o narrador,

muito novo, sem sardas, sem rugas, sem falhas na sua cabeleira flamante, numa floresta muito cerrada e muito tenebrosa (...) Então, certo Ser, desprendendo lentamente a garra no galho de árvore onde se empoleirara toda essa manhã de longos séculos, escorregou pelo tronco comido de hera, pousou as duas patas no solo que o musgo afofava, sobre as duas patas

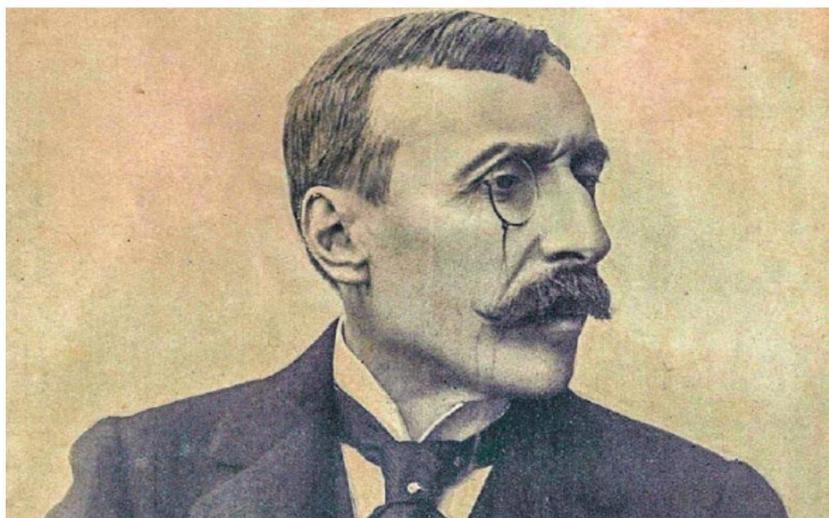
se firmou com esforçada energia e ficou ereto, e alargou os braços livres, e lançou um passo forte, e sentiu a sua dessemelhança da animalidade, e concebeu o deslumbrado pensamento de que era, e verdadeiramente foi! Deus, que o amparara, nesse instante o criou. E vivo, da vida superior, descido da inconsciência da árvore, Adão caminhou para o Paraíso. (pp. 1249/50).

Esse é Adão, nosso pai primeiro. Descido de uma árvore, com o auxílio carinhoso de Jeová, caminhou para o Paraíso. Depois dessa cena, o leitor já pode vislumbrar o que vem a seguir, cenas impagáveis de bom-humor na nova concepção da Criação.

Esse Adão era medonho. Coberto de pelos, com couro curtido cor de cobre fosco, com o crânio achatado, orelhas pontudas, com queixada e beiços trombudos no focinho... assim o descreve o narrador. Como podemos ver, não era belo o nosso pai primeiro. E, depois de muito guinchar, liberta-se aos poucos da animalidade rumo à humanização, em grande esforço para se erguer, livrando-se da condição primitiva da floresta obscura, “sob o deslumbramento que envolve o Éden.” (p. 1251).

Assustado, em meio a tanta novidade, entre animais de todas as espécies, o nosso pai venerável sente surgir uma energia que irá estabelecer a sua supremacia ante os demais seres da natureza. Mas o narrador impiedoso vê com cautela essa evolução:

A Bíblia, com a sua exageração oriental, cândida e simplista, conta que Adão, logo na sua



entrada pelo Éden, distribuiu nomes a todos os animais, e a todas as plantas, muito definitivamente, muito eruditamente, como se compusesse o *Léxico da Criação*, entre Buffon, já com os seus punhos, e Lineu, já com os seus óculos. Não! Eram apenas grunhidos, roncões mais verdadeiramente augustos, porque todos eles se plantavam na sua consciência nascente como as toscas raízes dessa palavra pela qual verdadeiramente se humanou, e foi depois, sobre a Terra, tão sublime e tão burlesco. (p. 1253).

Como não se divertir o leitor nessa tentativa de individualização de Adão com a primeira palavra articulada: “Eheu! Eheu!”, dita batendo no peito e rugindo? Nosso Pai venerável, como o chama o narrador, perplexo entre tantas descobertas de seres de todas as espécies, da água do grande rio, de bichos horríveis e outros belos, vê-se diante do pavor supremo: o mar, cujo rumor suas longas orelhas já adivinhavam atrás das dunas. Por que suas águas o ameaçavam avançando para ele? E o terror só aumenta quando vê os monstros marinhos, o rugido horroroso do mar, das aves e dos bichos estranhos que o fazem subir num pinheiro. O leitor não consegue sentir pena do medo e desamparo do primeiro homem, nosso Pai, pois o espírito da galhofa do narrador predomina. Mas, fatigado, Adão dorme.

Acorda depois de um sono reparador e, para sua surpresa, “oh maravilha!” Diante dele estava um outro Ser: era a esbelta Eva, com longos cabelos ruivos, braços peludinhos e gordos, “Ser [que] se ofertava com uma submissão pasmada e lasciva. Era Eva... Eras tu, Mãe venerável!” (p. 1259).

Agora começa a nova vida de Adão ao lado da companheira, com descobertas e adversidades, enfrentando o fogo, a água, o ar e a terra no Jardim das Delícias, sendo até apedrejado com enormes cocos por seus parentes, os invejosos Antropoides, pois o Paraíso ainda não era verdadeiramente um Paraíso: enfrentaram chuvas torrenciais, edênicas, terríveis estiagens, dias tristes, fugindo das intempéries:

E nossos Pais veneráveis, com as magras costelas a arquejar contra o pelo crestado, a língua pendida e mais dura que a cortiça, erraram de fonte em fonte, a sorver desesperadamente alguma gota que ainda brotasse, gota rara, que assobiava ao cair sobre as lajes esbraseadas... (p. 1260).

Mas foi à Eva que coube o papel civilizatório da humanidade, ou seja, é a ela devemos a descoberta do fogo e do fruto do conhecimento, pois, a depender de Adão, segundo o pândego narrador, teria comido a suculenta serpente. Muito inspirada, criou

o fogo e a arte de costurar, tarefa que a encantou: “Encruzada no chão, toda atenta sob a coma crespa, nossa Mãe fura, com um ossinho agudo, buracos na orla de uma pele, e depois na orla de outra pele.” (p. 1266). Assim, com a criatividade feminina, Eva inventou a costura, a roupa, que será um grande passo para a civilização. O homem deixará de andar nu... E os nossos Pais seguem juntos tropeçando vida afóra com muitas surpresas divertidas para o leitor.

Esse longo conto cheio de graça e peripécias é uma das muitas páginas cultas e provocadoras de Eça de Queirós, escrito em ritmo fluente, com vocabulário rico e culto, em que ao humorista subjaz o moralista cristão. Sobre esse espírito crítico, disse o autor, em carta de 2 de agosto de 1884 ao editor de uma revista francesa, que (no caso, a respeito do também divertido *O mandarim*) a literatura que os portugueses fazem nesse momento é fruto da invenção e não da observação; que os portugueses são idealistas e, no fundo, líricos; que uma bela frase agrada-lhes mais que o sentido exato das palavras. E diz muito mais nessa carta, quase profissão de fé, em que o genial escritor demonstra, com muito orgulho, a singularidade, a liberdade de expressão e o espírito português na sua literatura.

“Rir é humano”, disse Rabelais.

De Fato.com

Um produto da Santos Editora de Jornais Ltda. Fundado em 28 de agosto de 2000, por César Santos e Carlos Santos.

Direção Geral: César Santos

Diretor de Redação: César Santos

Gerente Administrativa: Ângela Karina

Dep. de Assinaturas: Alvanir Carlos

www.defato.com **E-MAIL:** redacao@defato.com

TWITTER: @jornaldefato_rn

REDAÇÃO E OFICINAS: SEDE: Avenida Rio Branco, 2203, Centro, Mossoró-RN — CEP: 59.063-160

TELEFONES: (084) 99836-5320 (Mossoró)

COMERCIAL/ASSINATURAS (84) 99956-4810 - (84) 99485-3685